
SIMBOLIZAÇÃO EM MINIATURA E O PRINCÍPIO ‘DIA-ANO’ DE INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA *

ALBERTO R. TIMM, PH.D.

Professor de Teologia Histórica no Unasp, Campus Engenheiro Coelho, e diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White - Brasil

RESUMO: Este artigo sugere que o conceito da “simbolização em miniatura” pode ser utilizado como um critério básico para distinguir entre os períodos de tempo profético aos quais o princípio dia-ano deve ser aplicado e os períodos aos quais ele não se aplica. Após considerar como quatro eruditos historicistas do século 19 definiram esse conceito, o autor o utiliza na interpretação das profecias de Números 14:34 e Ezequiel 4:7, bem como de várias outras nos livros de Daniel e Apocalipse.

ABSTRACT: This article suggests the concept of “miniature symbolization” can be used as a basic criterion to distinguish between the prophetic time-periods to which the year-day principle should be applied and those periods to which that principle is not applicable. After considering how four nineteenth-century historicist scholars defined that concept, the author applies it to the prophecies of Numbers 14:34 and Ezekiel 4:6, as well as to several others in the books of Daniel and Revelation.

INTRODUÇÃO

Um componente hermenêutico básico da escola historicista de interpretação profética é o assim chamado “princípio dia-ano”. Os que advogam esse princípio hermenêutico argumentam que os períodos de tempo proféticos interligados às profecias apocalípticas das Escrituras devem ser interpretados não como dias literais, mas

sim como *dias simbólicos* que representam o mesmo número de *anos literais*. Assim, por exemplo, as 70 semanas de Daniel 9:24-27 são normalmente interpretadas como 490 anos; os 1.260 dias de Apocalipse 11:3 e 12:6 (cf. Dn 7:25; Ap 11:2; 12:14; 13:5) como 1.260 anos; os 1.290 dias de Daniel 12:11 como 1.290 anos; os 1.335 dias de Daniel 12:12 como 1.335 anos; e as 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14¹ como 2.300 anos.²

Vários críticos, porém, têm acusado a escola historicista de aplicar inconsistentemente o princípio hermenêutico dia-ano a algumas profecias específicas da Bíblia e não a outras. Em 1842, Moses Stuart, professor no Seminário Teológico Andover, em Massachusetts, indagou ironicamente por que os historicistas não usavam o seu princípio dia-ano para interpretar também os 120 anos de Gênesis 6:3 como “43.920 anos”; os “quarenta dias e quarenta noites” de Gênesis 7:4 como “quarenta anos”; os 400 anos de Gênesis 15:13 como “144.000 anos”; os sete anos de abundância e os sete de fome de Gênesis 41:25-36 como “2.529 anos de cada um sucessivamente”.³

Os historicistas têm geralmente respondido que essas críticas falham por desconhecer a distinção hermenêutica básica entre as profecias *clássicas* (escritas em linguagem literal) e as profecias *apocalípticas* (apresentadas em linguagem simbólica). Urias Smith argumentou que “dentro da

* Este artigo é uma versão ligeiramente revisada e atualizada do texto publicado originalmente em inglês com o título “Miniature Symbolization and the Year-Day Principle of Prophetic Interpretation”, em *Andrews University Seminary Studies*, vol. 42, n.º 1 (primavera de 2004), 149-167. Tradução de Rita de Cácia T. Soares, com revisões do autor. Publicado com permissão.

profecia simbólica” “o tempo não é literal, mas também simbólico”, onde um dia “representa um ano” (cf. Nm 14:34; Ez 4:7).⁴ William H. Shea demonstrou, primeiro, que o cumprimento final de cada profecia apocalíptica se estende além “do contexto histórico imediato ao profeta” para um mais distante “fim do tempo quando o reino eterno de Deus será estabelecido”; e, segundo, que “a magnitude dos eventos envolvidos” em cada uma dessas profecias requer o princípio dia-ano “para acomodar o seu cumprimento” à extensão de tempo provida pela própria profecia.⁵

No entanto, parece que ao historicismo contemporâneo faltam respostas convincentes às seguintes questões: Por que Números 14:34 e Ezequiel 4:5-7 deveriam ser usados como princípios hermenêuticos para interpretar os elementos de tempo das profecias apocalípticas de Daniel e Apocalipse?⁶ Não seria tal uso simplesmente outro exemplo do, assim chamado, método “texto prova”? Por que o princípio dia-ano é aplicado à expressão “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” de Daniel 7:25, onde a palavra “tempo” é tomada como um sinônimo de “ano” (cf. Dn 4:16, 23, 25, 32; 11:13 [lit., “ao cabo de tempos, isto é, anos”]),⁷ e por que o mesmo princípio não é aplicado ao igualmente apocalíptico período dos “mil anos” de Apocalipse 20:1-10?⁸

O presente artigo apresenta uma breve investigação do conceito de “simbolização em miniatura” na literatura protestante do século 19. Esse conceito pode prover subsídios hermenêuticos úteis ao processo de responder essas questões de um ponto de vista historicista. Apenas as extensões dos vários períodos de tempo profético são consideradas, sem nenhuma tentativa de estabelecer os pontos inicial e final de cada período.

SIMBOLIZAÇÃO EM MINIATURA NA LITERATURA PROTESTANTE DO SÉCULO 19

Alguns eruditos historicistas do século 19 argumentavam que o princípio dia-ano de interpretação profética deve ser aplicado apenas aos elementos de tempo

das profecias simbólicas, cujos símbolos representam entidades mais amplas do que os próprios símbolos empregados.

FREDERIC THRUSTON

Em 1812, Frederic Thruston aplicou o princípio da “simetria simbólica” para interpretar o elemento de tempo profético expresso “em miniatura” em Apocalipse 11:3-4. Ele explicou que

uma profecia simbólica é uma imagem; e todos os objetos, sendo visíveis de uma só vez, encontram-se em miniatura. *Os tempos* devem estar, portanto, também em miniatura, como dias que representam anos. A besta, uma imagem em miniatura de um império, jamais poderia ser considerada, com qualquer propriedade correspondente, como vivendo 1.260 anos. Os tempos proféticos se encontram desse modo em miniatura; e o império idólatra que prevaleceu por 1.260 anos é representado pela besta que viveu 1.260 dias. Isto está baseado no mesmo princípio de simetria simbólica, que requer que *cada palavra*, em uma representação simbólica, seja simbolicamente compreendida.⁹

GEORGE BUSH

Em 1843, George Bush, professor de Hebraico e Literatura Oriental na Universidade da Cidade de Nova Iorque, ampliou o conceito de “simbolização em miniatura.”¹⁰ Ele definiu esse conceito nos seguintes termos:

As Escrituras apresentam-nos duas classes distintas de predições – a *literal* e a *simbólica*. Quando um evento ou série de eventos, de caráter histórico, é *historicamente* predito, olhamos naturalmente para a predição a ser feita em termos mais claros, simples e literais. Nenhuma razão pode então ser determinada para designar os períodos de tempo de maneira mística ou figurativa. ... Mas o caso é totalmente oposto em relação às *profecias simbólicas*. ... Os profetas têm freqüentemente, sob inspiração divina, adotado o sistema de *representação hieroglífica*, no qual um único homem representa uma comunidade, e uma besta selvagem, um extensivo império.

Conseqüentemente, uma vez que a exposição mística da comunidade ou império está em *miniatura*, a adequação simbólica exige que os períodos cronológicos interligados sejam também dispostos em *miniatura*.¹¹

Bush também argumenta que

o grande princípio pelo qual o costume de se empregar um dia por um ano deve ser resolvido é o da *simbolização em miniatura*. Como os *eventos* são dessa forma economicamente reduzidos, os *períodos* devem ser reduzidos na mesma proporção relativa. Qual é essa proporção, nós não podemos determinar com certeza sem alguma informação prévia a respeito da *taxa* ou *escala* de redução. Mas a probabilidade é que essa escala seja na proporção de um dia, ou rotação menor da terra ao redor do seu eixo, por um ano, ou translação maior da terra ao redor do sol.¹²

Grande parte do artigo de Bush, “Prophetic Designations of Time”, do qual essas citações foram extraídas, foi republicada por José V. Himes no periódico milerita *The Advent Herald and Signs of the Times Reporter* (6 de março de 1844). Himes descreveu o artigo como um “argumento triunfante que comprova que os dias proféticos são símbolos de anos”.¹³

T. R. BIRKS

Uma das exposições mais exaustivas do princípio dia-ano no século 19 foi a obra *First Elements of Sacred Prophecy* (1843), de T. R. Birks.¹⁴ Birks, membro do Trinity College, Cambridge, sugeriu que Deus usou o princípio simbólico dia-ano “para manter a Igreja numa contínua e viva expectativa do retorno do Senhor”, a despeito do fato da “longa tardança” daquele evento ter sido “profeticamente anunciada”, porque foi anunciada “de tal maneira que sua verdadeira extensão não pudesse ser compreendida até que seu cumprimento parecesse próximo a ocorrer”.¹⁵

Discutindo o assim chamado “*uso sistemático da MINIATURA em simbolização hieroglífica*”¹⁶ como relacionada a Números 14:34, Birks distinguiu entre a miniatura em *tipo* e a miniatura em *símbolo*. Ele argumenta que

um tipo é uma representação real, e um símbolo uma representação irreal ou ideal, de um objeto real. No tipo, os espias, que eram pessoas reais, representavam a nação com um todo [Nm 13:1-16]; e os quarenta dias gastos em espionar a terra, um período real, representavam o tempo real de permanência no deserto [Nm 13:25; 14:33, 34]. Nas visões de Daniel ou de São João a besta de dez chifres [Dn 7:7, 19, 20, 23, 24; Ap 13:1-8], ou a mulher vestida de sol [Ap 12:1, 2], imagens irreais, representam um império, ou a Igreja de Cristo; e 1.260 dias [Dn 7:25; Ap 11:3; 12:6], ou 42 meses [Ap 11:2; 13:5], um período irreal sugerido gramaticalmente, representam o verdadeiro período designado, composto de muitos anos. A analogia, portanto, contida nessa história das Escrituras [Nm 14:34] é precisa e completa. Provê a nós, dos lábios do próprio Deus onisciente, uma escala distinta, pela qual podemos interpretar cada período profético que traz consigo as marcas internas de caráter sugestivo, como uma representação em miniatura de algum período mais extenso.¹⁷

E. B. ELLIOTT

Em 1847, E. B. Elliott forneceu úteis subsídios adicionais a respeito do conceito de simbolização em miniatura. Elliott, ex-vigário de Tuxford e membro do Trinity College, Cambridge, declarou que “o tempo *simbólico* de prosperidade *da besta* tinha provavelmente a intenção de representar um período de tempo bem mais extenso, como o do *império simbolizado*”.¹⁸ Ele argumentou também que, “se um *dia* significa um *ano* em uma visão em miniaturização simbólica [Ez 4:5-7], parece razoável assim interpretar todas as demais” visões.¹⁹

Enquanto outros historicistas aplicavam o princípio dia-ano apenas àquelas visões simbólicas nas quais o símbolo personificado fosse uma pessoa ou um animal, Elliott acreditava que o princípio deveria ser também aplicado a outras visões nas quais “a mesma proporção de escala cronológica (se é que posso chamá-lo assim) entre o símbolo personificado e a nação simbolizada é observada”, como em Isaías 54:4 e 6; Jeremias 2:2; 48:11; Ezequiel 23:3; e

Oséias 2:15,²⁰ onde uma pessoa simboliza a Israel ou um único período de vida de um ser humano simboliza o período da história nacional de Israel.

Elliot afirma também que

mesmo onde o símbolo personificado não é uma *pessoa* ou *animal*, pode possuir, no entanto, sua própria escala de tempo, apropriada às mudanças descritas figurativamente na imagem ou poema; e, sendo esse o caso, isso é observado e aplicado, por exemplo, em personificações sob a figura de uma *flor* ou de uma *árvore* longeva em seu estágio de crescimento e declínio. Mesmo em simbolizações por *objetos* completamente *inanimados*, a mesma observação da adequada escala de tempo poderá ser frequentemente vista; como nas simbolizações feitas por Horácio sobre a nação romana, e suas guerras civis, sob a forma de uma embarcação, sacudida por uma tempestade, retornando ao porto — “O navis referent, &c”; onde a *curta* tempestade representa as *longas* comoções civis.²¹

As definições acima mencionadas do conceito de simbolização em miniatura provêm alguns princípios básicos para o estudo de passagens das Escrituras, às quais os historicistas aplicam o princípio dia-ano. A seção seguinte considera brevemente como esse conceito pode ser identificado em tais passagens.

O CONCEITO DA SIMBOLIZAÇÃO EM MINIATURA EM PASSAGENS BÍBLICAS ESPECÍFICAS

Os historicistas têm normalmente considerado as expressões “cada dia representa um ano” (Nm 14:34) e “cada dia por um ano” (Ez 4:7) como as chaves hermenêuticas para os elementos de tempo que aparecem em várias passagens em Daniel e no Apocalipse. A discussão que se segue tenta mostrar como a presença de uma simbolização em miniatura em Números 14 e Ezequiel 4, por um lado, e em algumas profecias apocalípticas de Daniel e Apocalipse, por outro lado, provêm uma correlação temática básica entre essas expressões e aquelas profecias.

NÚMEROS E EZEQUIEL

A expressão “cada dia representando um ano” aparece no livro de Números (14:34) no episódio *histórico* dos doze espias escolhidos das doze tribos de Israel para espiares “a terra de Canaã” antes da sua conquista (13:1-25). Depois de “quarenta dias” de investigação, os espias retornaram ao seu acampamento (13:25). O relatório negativo de dez deles (13:26-33; cf. 14:6-9) levou “toda a congregação” de Israel a rebelar-se contra Moisés e Arão e “contra o Senhor”, a ponto de decidirem apedrejar os dois espias, Josué e Calebe, que não concordaram com aquele relatório (14:1-10). Então “a glória do Senhor” apareceu em juízo a todos os israelitas (14:10-12). Depois de Moisés interceder com Deus pelo povo rebelde a fim de preservá-los de serem completamente destruídos (14:13-19), Deus anunciou a seguinte sentença:

vossos filhos serão pastores neste deserto por quarenta anos e levarão sobre si as vossas infidelidades, até que o vosso cadáver se consuma neste deserto. Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos e tereis experiência do meu desagrado (Nm 14:33, 34).

O episódio sob consideração apresenta uma relação tipológica paralela entre os espias e as tribos, e entre os dias e os anos. Crucial nesta narrativa são as entidades *microcósmicas* (doze espias e quarenta dias) representando realidades *macrocósmicas* mais amplas (doze tribos e quarenta anos). De acordo com Birks, “temos, então, dos lábios do próprio Deus, a clara relação estabelecida nesse notável exemplo de profecia cronológica, que enquanto os espias representam a nação, um dia deveria representar um ano.”²²

Enquanto em Números 14:34 a expressão “cada dia representando um ano” ocorre em um cenário *histórico*, em Ezequiel 4:7 a expressão “cada dia por um ano” aparece em uma profecia *simbólica*. Como Números 13 e 14 envolve uma *tipologia* em miniatura, assim Ezequiel 4 retrata uma representação *simbólica* em miniatura. Vários pequenos símbolos

são mencionados em Ezequiel 4 e 5 para ilustrar a futura destruição de Jerusalém. Já em 4:1-3, o profeta Ezequiel é ordenado a tomar um “tijolo” e gravar nele a cidade de Jerusalém, rodeada por um cerco. A representação era um modelo em miniatura da cidade cercada por exércitos inimigos antes de sua destruição. Mas nos versos 4-8 o próprio profeta torna-se um símbolo em miniatura, primeiro, da casa de Israel e, depois, da casa de Judá. Nesses versos lemos o seguinte:

Deita-te também sobre o teu lado esquerdo e põe a iniquidade da casa de Israel sobre ele; conforme o número dos dias que te deitares sobre ele, levarás sobre ti a iniquidade dela. Porque eu te dei os anos da sua iniquidade, segundo o número dos dias, trezentos e noventa dias; e levarás sobre ti a iniquidade da casa de Israel. Quando tiveres cumprido estes dias, deitar-te-ás sobre o teu lado direito e levarás sobre ti a iniquidade da casa de Judá. Quarenta dias te dei, cada dia por um ano. Voltarás, pois, o rosto para o cerco de Jerusalém, com o braço descoberto, e profetizarás contra ela. Eis que te prenderei com cordas; assim não te voltarás de um lado para o outro, até que cumpras os dias do teu cerco.

Novamente vemos um *microcosmo* (o próprio profeta) representando um *macrocosmo* (primeiro Israel e depois Judá). O ato de Ezequiel deitando-se sobre seu lado esquerdo por 390 dias foi compreendido por Bush como uma *miniatura hieroglífica* de Israel; um homem, por uma nação. Como o homem representava a nação em miniatura, assim os 390 dias representavam o período de 390 anos em miniatura. De modo semelhante, o ato de ele deitar-se por quarenta dias no lado direito simbolizava a prevista iniquidade de Judá pelo período de quarenta anos.²³

As considerações anteriores confirmaram o fato de que os períodos de tempo mencionados em Números 13 e 14 e Ezequiel 4 ocorrem dentro do contexto específico de simbolização em miniatura. Enquanto em Números o contexto é de uma tipologia em miniatura, em Ezequiel ocorre uma simbolização em miniatura.

Mas em ambos os casos o princípio hermenêutico, provido pelo próprio texto para interpretar os elementos de tempo envolvidos, é o de um dia por um ano. Isso levou vários historicistas do século 19 a acreditar que o princípio dia-ano deveria ser usado apenas em relação às profecias de tempo nas quais ocorrem uma semelhante simbolização em miniatura.

A discussão procura agora verificar como esse princípio pode ser aplicado consistentemente às profecias apocalípticas de tempo em Daniel e Apocalipse.

DANIEL

Crucial para a compreensão da validade do conceito de simbolização em miniatura como uma ferramenta hermenêutica na interpretação de profecias apocalípticas é a tarefa de identificar precisamente as passagens das Escrituras nas quais esse conceito ocorre associado com algum período de tempo profético. Em relação ao livro de Daniel, a presente discussão considerará como esse conceito é aplicável aos seguintes períodos de tempo normalmente interpretados pelos historicistas em uma perspectiva dia-ano: (1) “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Dn 7:25); (2) 2.300 “tardes de manhãs” (Dn 8:14); (3) “setenta semanas” com suas subdivisões (Dn 9:24-27); (4) “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Dn 12:7); e (5) 1.290 dias e 1.335 dias (Dn 12:11, 12).²⁴

Na profecia apocalíptica de Daniel 7, todas as principais entidades são representadas em uma clara simbolização em miniatura. De acordo com a tradição historicista protestante, o “leão” com “asas de águia” (v. 4) representa o Império Babilônico; o “urso” (v. 5) refere-se ao Império Medo-Persa; o “leopardo” com “quatro cabeças” (v. 6) descreve o Império Grego; o “quarto animal” com “dez chifres” (v. 7) é uma alusão ao Império Romano; e o “chifre” pequeno (v. 8) é o símbolo da Roma papal. Como as entidades (“animais” e “chifres”) da visão representam poderes políticos (impérios) maiores, assim o elemento de tempo simbólico envolvido representa um período de tempo mais extenso. Há praticamente um consenso entre os historicistas

de que “um tempo, dois tempos e metade de um tempo”, durante os quais os santos seriam oprimidos pelo pequeno chifre (v. 25), equivale a 1.260 anos literais.²⁵

De forma semelhante, em Daniel 8 são usados dois diferentes animais como símbolos em miniatura de grandes impérios. O “carneiro” com “dois chifres” (vv. 3, 4) é identificado pelo próprio texto como um símbolo da Medo-Pérsia (v. 20); e o “bode” com “um chifre notável entre os olhos” (vv. 5-8), como uma representação do Império Grego (v. 21). Outra vez as atividades de contrafação por parte do “chifre pequeno” são mencionados (vv. 9-12), que seriam revertidas apenas no final do período simbólico de 2.300 “tardes e manhãs” (vv. 13, 14).²⁶ Como as entidades mencionadas (“animais” e “chifres”) são símbolos de grandes e duradouros impérios, assim o elemento de tempo (2.300 “tardes e manhãs”) é visto como representando 2.300 anos.²⁷

Daniel 9:24-27 menciona o período profético das “setenta semanas”, subdivididas em “sete semanas”, “sessenta e duas semanas” e “uma semana”. O conteúdo da passagem por si só, isolada do contexto de Daniel 8, foi escrito em aparente linguagem concreta, sem envolver uma clara simbolização em miniatura. Mas, reconhecendo-se que Daniel 9:24-27 é um apêndice posterior que explica a visão das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 (cf. 8:26, 27; 9:20-23), pode-se concluir corretamente que as setenta semanas e suas subdivisões de tempo menores têm de ser compreendidas também dentro do contexto da simbolização em miniatura de Daniel 8. Evidências lingüísticas indicam que as setenta semanas foram na verdade “cortadas” (heb. *nehak*) do período maior de 2.300 dias-anos e, desse modo, devem ser interpretadas como 490 anos.²⁸ Se não entendidas como 490 anos, as setenta semanas tornam-se sem sentido como profecia messiânica. Tão evidente é o princípio dia-ano em Daniel 9:24-27 que essa passagem, junto com Números 14:34 e Ezequiel 4:5-7, são consideradas pelos historicistas como as chaves hermenêuticas para interpretar os períodos de tempo de outras profecias simbólicas.²⁹

Três significativos períodos de tempo

profético são mencionados na parte final do livro de Daniel (12:4-13): (1) “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (v. 7); (2) “mil duzentos e noventa dias” (v. 11); e (3) “mil trezentos e trinta e cinco dias” (v. 12). Alguém pode ser tentado a não aplicar o princípio dia-ano àqueles períodos de tempo, pelo fato de nenhuma simbolização em miniatura ser encontrada naquela parte específica do livro. Mas esse argumento não pode ser aceito quando olhamos além do contexto específico, em direção ao escopo profético mais amplo do livro. Na realidade, “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (v. 7) parece ser apenas um eco do mesmo período de tempo mencionado anteriormente em Daniel 7:25. Se a simbolização em miniatura encontrada em Daniel 7 requer que o período de tempo em 7:25 seja compreendido como 1.260 anos, então, para sermos consistentes, o mesmo período em 12:7 também precisa ser interpretado como 1.260 anos.

A alusão em Daniel 12:11 ao “diário” e à “abominação desoladora” conecta os 1.290 e 1.335 dias não apenas ao conteúdo da visão de Daniel 11 (ver v. 31), mas também às 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 (ver 8:13; 9:27). O mesmo poder apóstata que estabeleceria a “abominação desoladora” em lugar do “diário” é descrito em Daniel 7 e 8 como o “chifre pequeno”, e em Daniel 11 como o “rei do Norte”. Essas recorrências confirmam que os 1.290 dias e os 1.335 dias de Daniel 12:11 e 12 compartilham a mesma natureza profético-apocalíptica de “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” de Daniel 7:25 e das 2.300 “tardes e manhãs” de Daniel 8:14.

A tentativa de isolar o conteúdo de Daniel 12:4-13 da cadeia profética de Daniel 11 não é endossada pela estrutura literária do livro de Daniel. Shea explica que na porção profética do livro de Daniel cada período profético (70 semanas; 1.260, 1.290, 1.335, e 2.300 dias) aparece como um apêndice calibrador do corpo básico da respectiva profecia ao qual está relacionado. Por exemplo, a visão do capítulo 7 é descrita nos versos 1-14, mas o tempo relacionado a ela aparece apenas no verso 25. No capítulo 8, o corpo da visão é

relatado nos versos de 1-12, mas o tempo aparece somente no verso 14. De maneira similar, os períodos de tempo proféticos relacionados à visão do capítulo 11 são mencionados apenas no capítulo 12.³⁰ Assim, se aplicarmos o princípio dia-ano aos períodos de tempo proféticos de Daniel 7 e 8, deveremos também aplicá-lo aos períodos de tempo de Daniel 12, pois todos esses períodos de tempo estão de alguma maneira inter-relacionados, e a descrição de cada visão aponta apenas para um único cumprimento do período de tempo profético a ela relacionado.

Os períodos de tempo simbólicos mencionados acima são interpretados por meio do princípio hermenêutico de dia-ano em razão da relação direta ou indireta com um contexto específico de simbolização em miniatura. Mas no livro de Daniel existem também alguns outros períodos de tempo proféticos aos quais esse princípio de interpretação não pode ser aplicado por causa de sua natureza histórica, que não conta com nenhum ponto de referência relacionado à simbolização em miniatura. Atenção será dada aos “sete tempos” de Daniel 4:16, 23, 25 e 32; os “setenta anos” de Daniel 9:2; e às “três semanas” de Daniel 10:2.

Os “sete tempos” da punição de Nabucodonosor por seu orgulho (Dn 4:16, 23, 25, 32) foram erroneamente entendidos por alguns historicistas do século 19 como sendo 2.520 anos (7 x 360 dias = 2.520 dias-anos).³¹ Não resta dúvida de que os “sete tempos” são mencionados dentro do sonho profético e simbólico de Nabucodonosor de uma “árvore” grande e frutífera que permaneceria derribada por “sete tempos” (vv. 8-18). A interpretação de Daniel para o sonho (vv. 19-27) e seu real cumprimento (vv. 28-37) corroboram o fato de que nenhuma simbolização em miniatura está envolvida nesse incidente. No sonho profético, a árvore representava apenas uma pessoa (Nabucodonosor) com a qual foi cumprido o sonho (vv. 20-22, 28). Os “sete tempos” proféticos (v. 16) foram interpretados por Daniel como “sete tempos” (vv. 23, 25) e realmente cumpridos como apenas “sete tempos” (v. 32). Compreendido como sete anos literais³², esse

período pode ser facilmente acomodado dentro do período de vida do rei Nabucodonosor. Nenhum espaço é deixado dentro do texto para uma interpretação dia-ano desse período profético que o estenderia além dos sete anos. Apenas uma reinterpretação alegórica das entidades básicas do sonho (“árvore” ou “Nabucodonosor”) pode favorecer qualquer outro cumprimento artificial não contemplado pelo próprio texto.

A promessa profética de que Jerusalém seria restaurada após “setenta anos” de cativeiro na Babilônia (Dn 9:2) foi extraída de Jeremias 29:10. Referências ao mesmo período de tempo são encontradas também em Jeremias 25:11 e 12, e em 2 Crônicas 36:21. Lendo o respectivo contexto literário de cada uma dessas passagens, podemos facilmente perceber que não apenas em Daniel 9:1-19 e Jeremias 29:1-32, mas também em Jeremias 25:1-14 e 2 Crônicas 36:17-21, as narrativas são sempre expressas em uma linguagem literal, sem nenhuma simbolização em miniatura ou qualquer outro tipo de simbolismo. Portanto, os “setenta anos” de Daniel 9:2 devem ser entendidos como sendo um período de tempo literal.

Similarmente, as “três semanas” de Daniel 10:2-3 ocorrem em um contexto literário diferente das “setenta semanas” de Daniel 9. Nessa passagem, o profeta refere-se a sua própria experiência concreta de prantear “por três semanas” abstendo-se de manjares, carne e vinho. Não existe nada simbólico nesses versos, e todas as ações ocorreram no período do “terceiro ano de Ciro” (10:1), não existindo dessa forma nenhuma base para se interpretar o período de tempo como algo mais do que três semanas comuns e literais.

As considerações prévias das ocorrências de simbolização em miniatura no livro de Daniel nos permitem sugerir que o princípio dia-ano parece aplicável nesse livro às “setenta semanas” com suas subdivisões de tempo (9:24-27); a “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (7:25; 12:7); aos 1.290 dias (12:11); aos 1.335 dias (12:12); e às 2.300 “tardes e manhãs” (8:14). Por contraste, a ausência de tal forma de simbolização em relação aos “sete tempos”

(4:16, 23, 25, 32), aos “setenta anos” (9:2) e às “três semanas” (10:2-3) implica que esses períodos de tempo específicos devam ser tomados literalmente como sendo sete anos, setenta anos e “três semanas”, respectivamente.

A abordagem se volta agora para o livro do Apocalipse, com atenção especial para a presença de períodos de tempo proféticos no contexto de simbolizações em miniatura.

O APOCALIPSE

A discussão a respeito do conceito de simbolização em miniatura no livro do Apocalipse se centraliza principalmente nos seguintes períodos proféticos: “dez dias” (Ap 2:10); “cinco meses” (Ap 9:5, 10); “a hora, o dia, o mês e o ano” (Ap 9:15); 42 “meses” e 1.260 “dias” (Ap 11:2, 3); “três dias e meio” (Ap 11:9, 11); 1.260 “dias” (Ap 12:6); “um tempo, tempos e metade de um tempo” (Ap 12:14); e 42 “meses” (Ap 13:5).³³

O período de “dez dias” mencionado em Apocalipse 2:10 ocorre dentro de um contexto literário que não é claramente simbólico (ver vv. 8-11). Mas, de acordo com o conceito de simbolização em miniatura, não é apenas a presença de alguns símbolos que justifica o uso do princípio dia-ano. O ponto real em discussão é se a principal entidade envolvida (a “igreja em Esmirna”) pode ser considerada um símbolo (como em Ez 4) ou um tipo (como em Nm 13-14) de uma realidade corporativa maior. Isso significa que se a “igreja de Esmirna” for considerada apenas uma referência à comunidade cristã do primeiro século naquela cidade específica,³⁴ então os “dez dias” deveriam ser tomados apenas como dez dias literais. Mas se a igreja for entendida como um símbolo em miniatura da igreja cristã entre “aproximadamente o fim do primeiro século (cerca do ano 100 d.C.)” e “aproximadamente o ano 313 d.C., quando Constantino passou a apoiar a causa da igreja”,³⁵ então os “dez dias” devem ser considerados uma simbolização em miniatura de um período maior, mais provavelmente dez anos literais.³⁶

Duas vezes em Apocalipse 9:5 e 10 aparece a referência a “cinco meses”, durante os quais os “homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte” deveriam ser atormentados (v. 4). Toda a narrativa da quinta “trombeta” (vv. 1-12), na qual tais referências aparecem, está repleta de entidades simbólicas, como “uma estrela”, “o poço do abismo”, e exóticos “gafanhotos” de guerra. Os intérpretes que consideram a presença de entidades simbólicas como razão suficiente para justificar o uso do princípio dia-ano não hesitarão em considerar os “cinco meses” como sendo 150 anos literais. Mas olhando além da presença de tais simbolismos, em direção a uma real simbolização em miniatura, tornamo-nos mais uma vez dependentes do cumprimento histórico mais amplo dessa trombeta para justificar a aplicação do princípio dia-ano. Se a trombeta é vista como uma representação em miniatura de um período da igreja cristã — por exemplo, da “ascensão” do Império Otomano em 1299 d.C. à “queda” do Império Bizantino em 1449 d.C.³⁷ — então os “cinco meses” podem apenas ser considerados como sendo 150 anos.

Em Apocalipse 9:15 ocorre a expressão “a hora, o dia, o mês e o ano”, no final de cujo período os “quatro anjos” matariam “a terça parte dos homens”.³⁸ Esse período de tempo aparece dentro da descrição da sexta trombeta (vv. 13-21), na qual são utilizadas expressões simbólicas como o “grande rio Eufrates”, “cavalos” com cabeças como de leões, “boca[s]” de onde saíam “fogo, fumaça e enxofre”, e “cavaleiros” tendo “couraçados cor de fogo, de jacinto e de enxofre”. Como no caso dos “cinco meses” (vv. 5, 10), assim “a hora o dia, o mês e o ano” só podem ser vistos como 391 anos e 15 dias se essa trombeta for considerada uma descrição em miniatura da igreja cristã, por exemplo, desde de a “queda” do Império Bizantino em 1449 d.C. até a queda do Império Otomano em 1840 d.C.³⁹

Os 42 “meses” e os 1.260 “dias” mencionados em Apocalipse 11:2 e 3 (ver também 13:5; 12:6) são reconhecidos como sinônimos, não apenas um do outro, mas também de “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” derivados de Daniel

7:25 (ver também Dn 12:7; Ap 12:14).⁴⁰ Isso implica, por si só, que a simbolização em miniatura pela qual a visão de Daniel 7 é apresentada requer o uso do princípio dia-ano na interpretação não apenas de “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” em Daniel 7:25, mas também de todos os outros períodos de tempo correlatos. No entanto, além do contexto profético de simbolização em miniatura de Daniel 7, o próprio conteúdo de Apocalipse 11:3-12, no qual os 42 meses e os 1.260 dias são mencionados, encontra-se focalizado nos eventos históricos relacionados às “duas testemunhas”, também chamadas de “as duas oliveiras” e “os dois candelabros” (v. 4). Apesar da difundida tendência de se reduzir as duas testemunhas a dois profetas literais (como Moisés e Elias),⁴¹ alguns autores argumentam em favor de uma compreensão corporativa mais ampla dessas testemunhas.⁴² Kenneth A. Strand e Ekkehardt Müller argumentam que elas representam, em realidade, o testemunho profético mais amplo envolvendo a “palavra de Deus” (a mensagem profética do Antigo Testamento) e o “testemunho de Jesus Cristo” (o testemunho apostólico do Novo Testamento).⁴³ Isso confirma a noção já estabelecida de que os 42 meses e os 1.260 dias de Apocalipse 11:2 e 3 devam ser compreendidos da perspectiva de dia-ano como sendo 1.260 anos.

Dentro da mesma perícopa de Apocalipse 11:3-12, existem também duas referências a um período de “três dias e meio” (vv. 9, 11). Se considerarmos as “duas testemunhas” como uma representação em miniatura dos testemunhos proféticos mais amplos do Antigo e do Novo Testamento, podemos facilmente concluir que os “três dias e meio” representam três anos e meio.⁴⁴

Em Apocalipse 12, os períodos de tempo de 1.260 dias (v. 6) e “um tempo, tempos e metade de um tempo” (v. 14) são sinonimamente identificados como o período durante o qual a “mulher” apocalíptica encontraria refúgio “no deserto” (vv. 6, 14), fugindo do “dragão” satânico “com sete cabeças” e “dez chifres” (v. 3). A presença de uma “mulher” simbólica, como uma representação em miniatura da fiel

igreja de Deus,⁴⁵ confirma a já estabelecida interpretação de dia-ano de cada um desses períodos como sendo de 1.260 anos.

O período profético das 42 semanas reaparece em Apocalipse 13:5 como o período em que a “besta” com “sete cabeças” e “dez chifres” (v. 1; cf. 12:3) exerceria a “grande autoridade” que lhe seria dada pelo dragão (v. 2). Aqui em Apocalipse 13:1-8, o “chifre pequeno” de Daniel 7 e 8 reaparece sob o símbolo da “besta”, como uma representação em miniatura da Roma papal. A natureza dessa visão simbólica também corrobora os 1.260 anos de perseguições religiosas.

No livro do Apocalipse, os períodos de tempo de “três dias e meio” (11:9, 11); “dez dias” (2:10); “cinco meses” (9:5, 10); “a hora, o dia, o mês e o ano” (9:15); “um tempo, tempos e metade de um tempo” (12:14); 42 “meses” (11:2; 13:5); e 1.260 “dias” (11:3; 12:6) ocorrem todos dentro do contexto de uma simbolização em miniatura. Para todos esses períodos de tempo, o princípio dia-ano de interpretação profética parece aplicável. Mas o que poderia ser dito sobre esse assunto a respeito dos 1.000 anos de Apocalipse 20? Se o princípio dia-ano for aplicado a todos esses períodos, não seria inconsistente não aplicá-lo também aos 1.000 anos?

Se o único critério para se aplicar o princípio dia-ano é a presença de um dado período de tempo dentro de uma narrativa apocalíptica, então não haveria uma razão convincente para não interpretar os 1.000 anos de Apocalipse 20 como 360.000 anos. A tentativa de considerar a palavra “anos” (vv. 2-7) isoladamente como um obstáculo para o princípio dia-ano parece não ser convincente, porque em outros lugares tal princípio é aplicado a essa palavra. Já na expressão “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Dn 7:25; 12:7; Ap 12:14) a palavra “tempo” é tida como “ano” e multiplicada por 360, o número de dias de um ano nos tempos bíblicos. O ano lunar bíblico normal incluía doze meses de 29 ou 30 dias cada um, com um mês adicional acrescentado quando necessário para sincronizar com o ano solar (cerca de sete vezes em nove anos). Que o idealizado

ano “profético” possui 360 dias proféticos é confirmado pelo uso dos termos três anos e meio, 1.260 dias, e 42 meses, como designações sinônimas do mesmo período (Ap 11:2, 3; 12:6, 14; 13:5; cf. Dn 7:25; 12:7). Não mais convincente é o argumento de que um “ano” pode ser interpretado de uma perspectiva de dia-ano apenas quando designado pelo termo simbólico “tempo”. Se esse fosse o caso, então sérios problemas seriam criados em relação à expressão apocalíptica “a hora, o dia, o mês e o ano” (Ap 9:15), na qual as palavras “dia” e “ano” são usadas na mesma expressão de tempo simbólica. Nesse caso, deveria o princípio dia-ano ser usado porque a palavra “dia” é mencionada ou ele não deveria ser usado porque o termo “ano” também está presente? Mas se a noção de simbolização em miniatura é um princípio hermenêutico válido para interpretação profética, então a natureza dos 1.000 anos pode ser definida mais facilmente se considerarmos a presença ou ausência de uma simbolização em miniatura naquele contexto.

Ao lermos Apocalipse 20:1-10, onde os 1.000 anos são mencionados seis vezes, podemos notar que muitos símbolos apocalípticos são mencionados, como o “abismo”, “uma grande corrente”, “tronos”, a “besta” e “sua imagem”, “Gogue e Magogue” e “o falso profeta”. Mas parece evidente que o tom geral dessa narrativa apocalíptica não pode ser considerada uma verdadeira simbolização em miniatura. Primeiro, a “besta” e “sua imagem”, que foram os principais protagonistas em miniatura em Apocalipse 13, são mencionados em Apocalipse 20 apenas de maneira tangencial (vv. 4, 10). A figura predominante em toda a narrativa é o “dragão”, também chamado de “antiga serpente” (v. 2). Enquanto a “besta” e a “sua imagem” deram a Apocalipse 13 um tom de simbolização em miniatura, a presença do “dragão” em Apocalipse 20 não confere o mesmo sentido. Isso se deve ao fato de que no livro do Apocalipse o “dragão” não é uma simbolização em miniatura de uma entidade ou comunidade maior, mas a designação de um ser espiritual chamado “Diabo” e “Satanás” (20:2; cf. 12:9). Por essa razão, parece mais consistente considerar os 1.000 anos de Apocalipse 20

apenas como 1.000 anos literais.

Alguns leitores do Apocalipse poderiam indagar a respeito da “meia hora” de “silêncio no céu” quando o Cordeiro (Cristo) abre o sétimo selo (Ap 8:1). Se o “livro” (ou “rolo” [RSV, NIV]) selado em Apocalipse 5⁴⁶ e cada um dos “sete selos” (6:1-17; 8:1-5) são considerados simbolizações em miniatura de realidades históricas mais amplas, então essa “meia hora” deveria ser considerada um tempo simbólico, representando cerca de uma semana de tempo literal.⁴⁷ No entanto, se considerarmos Apocalipse 10:6 (“já não haverá demora [grego *krónos*]”) como implicando que nenhuma profecia de tempo simbólico se estenderia além do cumprimento das 2.300 “tardes e manhãs” de Daniel 8:14 em 1844 d.C.,⁴⁸ então não apenas a “meia hora” de Apocalipse 8:1 mas também os 1.000 anos de Apocalipse 20:1-10 deveriam ser entendidos como períodos de tempo literais, aos quais o princípio dia-ano não deve ser aplicado. Mas essa é uma discussão que se estende além do propósito do presente estudo.

CONCLUSÃO

Em muitas profecias apocalípticas, tanto a entidade principal como o elemento de tempo envolvidos foram reduzidos (*zoomed down*) a uma escala microcós mica simbólica, que pode ser melhor compreendida ao serem eles ampliados (*zoomed up*) ao seu cumprimento macrocós mico. O tema da simbolização em miniatura provê uma correlação temática básica entre Números 14:34 e Ezequiel 4:7, de um lado, e os elementos simbólicos de tempo de Daniel e Apocalipse, do outro. A presença desse tema justifica a transferência do princípio de “cada dia por um ano” de Números 14:34 e Ezequiel 4:5-7 às visões apocalípticas nas quais os períodos de tempo envolvidos aparecem inseridos em um similar contexto de simbolização em miniatura. Esse paralelismo de miniatura simbólica enriquece o princípio dia-ano com um sentido que vai bem além do simples método “texto-prova”.

A presença de simbolizações em mi-

niatura no livro de Daniel permite que o princípio dia-ano seja aplicado às “setenta semanas” com suas subdivisões de tempo (9:24-27); a “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (7:25; 12:7); aos 1.290 “dias” (12:11); aos 1.335 “dias” (12:12); e às 2.300 “tardes e manhãs” (8:14). Mas a ausência de tais simbolizações em relação aos “sete tempos” (4:16, 23, 25, 32), aos “setenta anos” (9:2), e às “três semanas” (10:2) indicam que esses períodos de tempo devem ser compreendidos como sendo literais.

No livro do Apocalipse, os períodos de tempo de “três dias e meio” (11:9, 11); “dez dias” (2:10); “cinco meses” (9:5, 10); “a hora, o dia, o mês e o ano” (9:15); “um tempo, tempos e metade de um tempo” (12:14); 42 “meses” (11:2; 13:5); 1.260 “dias” (11:3; 12:6); e talvez mesmo a “metade de uma hora” (8:1), ocorrem todos dentro no contexto de uma simbolização em miniatura. Parece evidente que o princípio dia-ano é aplicável a esses períodos, mas não aos 1.000 anos de Apocalipse 20, onde não ocorre qualquer simbolização em miniatura.

Um estudo comparativo dessas passagens leva a conclusões adicionais mais específicas. Primeiro, uma simbolização profética em miniatura pode envolver entidades como símbolos (como visto em Ez 4) e tipos (como em Nm 13-14). Segundo, a presença de simbolização em miniatura requer que a entidade principal ou entidades principais envolvidas representem poderes corporativos maiores (como o “chifre pequeno” em Dn 7 e a “besta” de dez chifres em Ap 13). Terceiro, alusões tangenciais a símbolos em miniatura não substituem a falta de características em miniatura da entidade ou entidades principais (como no caso do “dragão” em Ap 20). Quarto, um período de tempo profético é de natureza simbólica e deve ser interpretado de uma perspectiva de dia-ano todas as vezes que aparece envolvido por símbolos em miniatura (como os 1.260 “dias” e os 42 “meses”

em Ap 13:1-8) ou em passagens subsequentes que expliquem esses símbolos (como as 2.300 “tardes e manhãs” em Dn 8:14 e as 70 “semanas” em Dn 9:24-27). Quinto, um período de tempo profético previamente definido como sendo de natureza simbólica não perde essa natureza quando mencionado em contextos nos quais a simbolização em miniatura não seja tão clara (como em “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” de Dn 7:25 que reaparece em 12:7 e em Ap 12:14).

A relevância do princípio dia-ano de interpretação profética não depende apenas do conceito de simbolização em miniatura. Ao invés disso, abalizados estudos eruditos das Escrituras têm demonstrado a necessidade interna (exegética) e externa (histórica) de uma interpretação dia-ano de alguns períodos apocalípticos de tempo.⁴⁹ Mas estou particularmente convencido de que o conceito de simbolização em miniatura pode fortalecer a consistência interna desse princípio de interpretação profética. Além disso, também provê respostas convincentes a questões cruciais relacionadas ao critério a ser utilizado na definição de quando ou não o princípio dia-ano deveria ser usado.

O presente artigo proveu apenas uma limitada visão geral de como o conceito da simbolização em miniatura pode ser aplicado consistentemente aos principais períodos de tempo simbólico de Daniel e Apocalipse. Os conceitos preliminares aqui apresentados devem ser aperfeiçoados e aprofundados em futuras investigações desse tema relevante para uma compreensão historicista das profecias bíblicas.

REFERÊNCIAS

¹ Todas as referências bíblicas sem indicação de uma versão específica foram extraídas da tradução de João Ferreira de Almeida – Versão Revista e Atualizada, 2.^a edição.

² A mais exaustiva abordagem do desenvolvimento histórico do historicismo é encontrado em LeRoy E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation*, 4 vols. (Washington, DC: Review and Herald, 1946-1954). Elucidativas exposições acadêmicas do princípio historicista “dia-ano” podem ser encontradas em William H. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 1 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1982), 1:56-93; idem, *Daniel 7-12: Prophecies of the End Time* (Boise, ID: Pacific Press, 1996), 40-45, 55-60, 214-223.

³ M[oses] Stuart, *Hints on the Interpretation of Prophecy* (Andover, MA: Allan, Morrill and Wardwell, 1842), 81-82.

⁴ Uriah Smith, *Thoughts, Critical and Practical, on the Books of Daniel and the Revelation* (Battle Creek, MI: Review and Herald, 1885), 144, ver também p. 202, n.

⁵ Shea, *Selected Studies*, 59-61.

⁶ W[illiam] Miller declara: “A regra bíblica para calcular um dia por um ano é encontrada em Números 14:34, e Ezequiel 4:7, bem como no cumprimento das setenta semanas de Daniel” (*Evidences from Scripture and History of the Second Coming of Christ about the Year A.D. 1843, and the Personal Reign of 1000 Years* [Brandon, VT: Vermont Telegraph Office, 1833], 11).

⁷ William H. Shea declara: Em Daniel 4, “um ‘tempo’ refere-se a um ano. Sete ‘tempos’ passariam sobre Nabucodonozor até que ele recuperasse a sanidade (4:16, 23, 25, 32). O ‘tempo, tempos e metade de um tempo’ de Daniel 7:25 equivalem, então, a três anos e meio proféticos. Cada ano é composto de 360 dias, correspondendo a um total de 360 dias, perfazendo um total de 1.260 dias. O princípio de um dia por um ano nos dá 1.260 anos literais (ver Ez 4:7; Nm 14:34)” (*Daniel 1-7: Prophecy as History*, 176).

⁸ Com relação à interpretação dos “mil anos” de Apocalipse 20:1-10, o *Seventh-day Adventist Bible Commentary* comenta apenas: “Alguns comentaristas consideram esse período [‘mil anos’] como um tempo profético, ou seja, 360.000 anos literais, baseando sua interpretação no fato de esses versos serem simbólicos, e de que desse modo o período de tempo deve ser interpretado simbolicamente. Outros afirmam que a profecia contém uma mistura de elementos literais, e desse modo não é necessário entender a expressão como simbólica. Esse comentário assume a posição de que os mil anos

são literais” (ed. rev. [Washington, DC: Review and Herald, 1980], 7:880).

⁹ Frederic Thruston, *England Safe and Triumphant; or, Researches into the Apocalyptic Little Book, and Prophecies, Connected and Synchronical* (Londres: Coventry, 1812), 1:145 (ênfase no original).

¹⁰ George Bush, “Prophetic Designations of Time”, *The Hierophant; or Monthly Expositor of Sacred Symbols and Prophecy* 11 (abril de 1843): 241-253.

¹¹ *Ibid.*, 244-245 (ênfase no original).

¹² *Ibid.*, 246 (ênfase no original).

¹³ George Bush, “Prophetic Designations of Time,” *The Advent Herald, and Signs of the Times Reporter*, 6 de março de 1844, 33-35. Um pequeno excerto desse artigo apareceu também em P. Gerard Damsteege, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977), 72, n. 114.

¹⁴ T. R. Birks, *First Elements of Sacred Prophecy: Including an Examination of Several Recent Expositions, and of the Year-day Theory* (Londres: William Edward Painter, 1843), 308-419.

¹⁵ *Ibid.*, 311, 375, 416.

¹⁶ *Ibid.*, 375 (ênfase no original). Birks (*ibid.*, 338) também menciona que George S. Faber, em uma obra intitulada “Provincial Letters,” fala sobre “o uso simbólico da MINIATURA em simbolizações hieroglíficas” em sua sucinta mas elucidativa defesa da teoria do dia-ano. Infelizmente, não pude localizar qualquer cópia remanescente dessa obra.

¹⁷ *Ibid.*, 339.

¹⁸ E. B. Elliott, *Horæ Apocalypticæ; ou, A Commentary on the Apocalypse, Critical and Historical*, 3.^a ed. (Londres: Seeley, Burnside, and Seeley, 1847), 3:224 (ênfase no original).

¹⁹ *Ibid.*, 227, n. 4 (ênfase no original).

²⁰ *Ibid.*, 224, n. 1.

²¹ *Ibid.* (ênfase no original).

²² Birks, 338-339.

²³ Bush, *Hierophant*, 246 (ênfase no original).

²⁴ Cf. Birks, 319-324.

²⁵ Ver Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vols. 1-4, passim (referências no “Index” de cada volume).

²⁶ O original hebraico de Daniel 8:14 menciona, em realidade, 2.300 “tardes e manhãs.” Para um estudo adicional dessa expressão, ver S. J. Schwantes, “*Ereb Boqer* of Dan 8:14 Re-examined,” *AUSS* 16 (1978): 375-385.

²⁷ Ver Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vols. 1-4, passim (referências no “Index” de cada volume); Samuel Nuñez, *The Vision of Daniel 8: Interpretations from 1700 to [1900]*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 14 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1987); Alberto R. Timm, *The Sanctuary and*

the Three Angels' Messages: Integrating Factors in the Development of Seventh-day Adventist Doctrines, Adventist Theological Society Dissertation Series, vol. 5 (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 1995), 19-36, 64-79, 151-174.

²⁸ Para um estudo mais detalhado sobre o significado e a interpretação das “setenta semanas” de Daniel 9:24-27, ver Gerhard F. Hasel, “The Seventy Weeks of Daniel 9:24-27,” suplemento da *Ministry*, maio de 1976; William H. Shea, “The Relationship between the Prophecies of Daniel 8 and Daniel 9,” em *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Historical, and Theological Studies*, ed. Arnold V. Wallenkampf e W. Richard Leshner (Washington, DC: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-Day Adventists, 1981), 228-250; Jacques B. Doukhan, “The Seventy Weeks of Daniel 9: Exegetical Study,” em *ibid.*, 251-276; William H. Shea, “The Prophecy of Daniel 9:24-27,” em *The Seventy Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 3, ed. Frank B. Holbrook (Washington, DC: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-Day Adventists, 1986), 105-108; Clifford Goldstein, *1844 Made Simple* (Boise, ID: Pacific Press, 1988), 43-55; Jacques B. Doukhan, *Daniel: The Vision of the End*, ed. rev. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1989), 31-44, 172, n. 65; Brempong Owusu-Antwi, *The Chronology of Dan 9:24-27*, Adventist Theological Society Dissertation Series, vol. 2 (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 1995); Jacques B. Doukhan, *Secrets of Daniel: Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), 135-156; Juarez R. de Oliveira, *Chronological Studies Related to Daniel 8:14 and 9:24-27* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2004).

²⁹ Ver n. 6, acima.

³⁰ Shea, *Daniel 7-12*, 217-218. Ver também *idem*, “Time Prophecies of Daniel 12 and Revelation 12-13”, em *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies – Book I*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 6, ed. Frank B. Holbrook (Silver Springs, MD: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1992), 327-360; Doukan, *Secrets of Daniel*, 186-189.

³¹ Ver, por exemplo, Elliott, 227-228, n. 4. Essa interpretação é mantida ainda hoje pelas Testemunhas de Jeová.

³² Cf. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, 4:790: “A maior parte dos intérpretes antigos e modernos explica o aramaico ‘iddan’, ‘tempo’, nesse texto (também nos vv. 23, 25, 32; caps. 7:25; 12:7 [esse último texto não é em aramaico e sim em hebraico]) significando ‘ano’. O texto da LXX traz ‘sete anos’. Entre os expositores mais antigos a apoiarem essa visão estão Josefo (*Antiguidades* x. 10.6), Jerônimo, Rashi, Ibn Ezra, e Jephth. Expositores mais modernos

também concordam com essa posição.”

³³ Cf. Birks, 321-324.

³⁴ Uma descrição esclarecedora de Esmirna é provida em Faith Cimok, *A Guide to the Seven Churches* (Istanbul, Turquia: A Turizm Yayinlari, 1998), 54-61. Ver também W. M. Ramsay, *The Letters to the Seven Churches of Asia and Their Place in the Plan of the Apocalypse* (Grand Rapids, MI: Baker, 1963), 251-280.

³⁵ *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, 7:746.

³⁶ Ver *ibid.*, 747-748.

³⁷ J[osiah] Litch, *The Probability of the Second Coming of Christ about A.D. 1843* (Boston: David H. Ela, 1838), 153-157. Cf. Damsteegt, 26-29.

³⁸ Alguns autores parecem favorecer mais a noção de que a expressão “a hora, o dia, o mês e o ano” devem ser compreendida como um momento específico no tempo, ao invés de um período de tempo. Ver, por exemplo, R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1985), 1:252; J. Massyngberde Ford, *Revelation*, AB 38 (New York: Doubleday, 1975), 153-154; G. K. Beale, *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*, NIGTC (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), 508. Porém, os historicistas tendem a ver essa expressão como aludindo a um período de tempo real.

³⁹ Litch, 157-158. Cf. Damsteegt, 26-29.

⁴⁰ Cf. David E. Aune, que afirma: “O período de quarenta e dois meses (também mencionado em Apocalipse 13:5, que é o período durante o qual a besta exerceria autoridade...) é um número apocalíptico simbólico para um período de tempo divinamente restrito (freqüentemente um período limitado de tribulação escatológica), derivada em última instância de Daniel 7:25; 12:7. Quarenta e dois meses é o equivalente a três anos e meio, um período de tempo que o autor expressa de forma diferente em outra passagem como 1.260 dias (11:3; 12:6) e como ‘um tempo, tempos e metade de um tempo’ (12:14). Ele usa o número três e meio para o número de dias entre a morte e ascensão das duas testemunhas (11:9, 11)” (*Revelation 6-16*, WBC 52B [Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998], 609). Para exposições milenaristas e adventistas do sétimo dia sobre o inter-relacionamento das profecias de tempo, ver, por exemplo, William Miller, *Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ, about the Year 1843: Exhibited in a Course of Lectures* (Boston: Joshua V. Himes, 1842), 78, 96, 112, 215-216; Josiah Litch, *Prophetic Expositions; or A Connected View of the Testimony of the Prophets Concerning the Kingdom of God and the Time of Its Establishment* (Boston: Joshua V. Himes, 1842), 1:92-93; *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, 4:833-834; C. Mervyn Maxwell, *God Cares: The Message of Revelation* (Boise, ID: Pacific Press, 1985), 2:326; Shea, “Time Prophecies of Daniel 12

and Revelation 12-13”, 327-360.

⁴¹ Uma lista parcial de diferentes indivíduos que foram considerados como sendo as “duas testemunhas” é provida em Massyngberde Ford, 177-178.

⁴² Ver, por exemplo, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, 7:801; Kenneth A. Strand, “The Two Witnesses of Rev 11:3-12”, *AUSS* 19 (1981): 127-135; Beale, 572-579; Ekkehardt Müller, “The Two Witnesses of Revelation 11”, *Journal of the Adventist Theological Society* 13/2 (outono de 2002): 30-45.

⁴³ Strand, 127-135; Muller, 30-45. Cf. Ellen G. White, que afirma: “Relativamente às duas testemunhas, declara mais o profeta: ‘Estas são as duas oliveiras, e os dois castiçais que estão diante do Deus de toda a Terra.’ ‘Tua palavra’, diz o salmista, ‘é lâmpada para meus pés, e luz para o meu caminho.’ As duas testemunhas representam as Escrituras do Velho e do Novo Testamentos. Ambos são importantes testemunhas quanto à origem e perpetuidade da lei de Deus. Ambos são também testemunhas do plano da salvação. Os tipos, sacrifícios e profecias do Velho Testamento apontam para um Salvador por vir. Os evangelhos e as epístolas do Novo Testamento falam acerca de um Salvador que veio exatamente da maneira predita pelos tipos e profecias” (*O Grande Conflito e Entre Cristo e Satanás* [Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001], 267).

⁴⁴ *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, 7:803.

⁴⁵ *Ibid.*, 807.

⁴⁶ O significado desse “livro” selado é discutido em Ranko Stefanovic, *The Background and Meaning of the Sealed Book of Revelation 5*, Andrews University Seminary Dissertation Series, vol. 22 (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1996); *idem*, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002), 195-212.

⁴⁷ Ver, por exemplo, Joseph Bates, *Second Advent Way Marks and High Heaps, or a Connected View, of the Fulfillment of Prophecy, by God’s Peculiar People, from the Year 1840 to 1847* (New Bedford, MA: Benjamin Lindsey, 1847), 43; E[lon] Everts, “The Seventh Seal”, *Advent Review and Sabbath Herald*, 15 de janeiro de 1857, 85; Uriah Smith, *Thoughts, Critical and Practical on the Book of Revelation* (Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1865), 139; *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, 7:787. Cf. Ellen G. White, *A Sketch of the Christian Experience and Views* (Saratoga Springs, NY: James White, 1851), 11-12.

⁴⁸ Ver *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, 7:798, 971.

⁴⁹ Ver Shea, *Selected Studies*, 25-93.